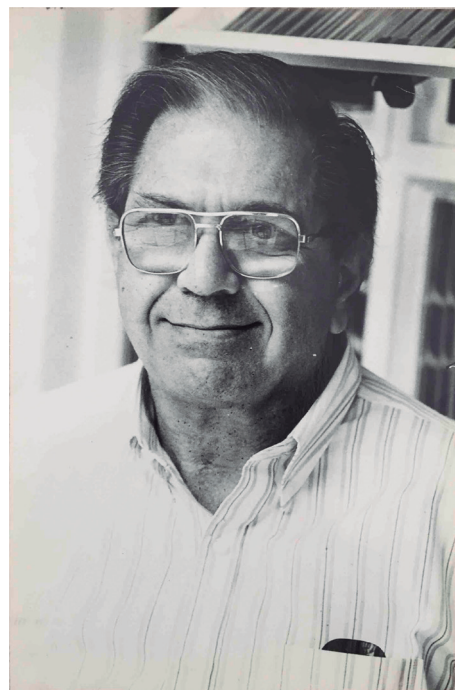
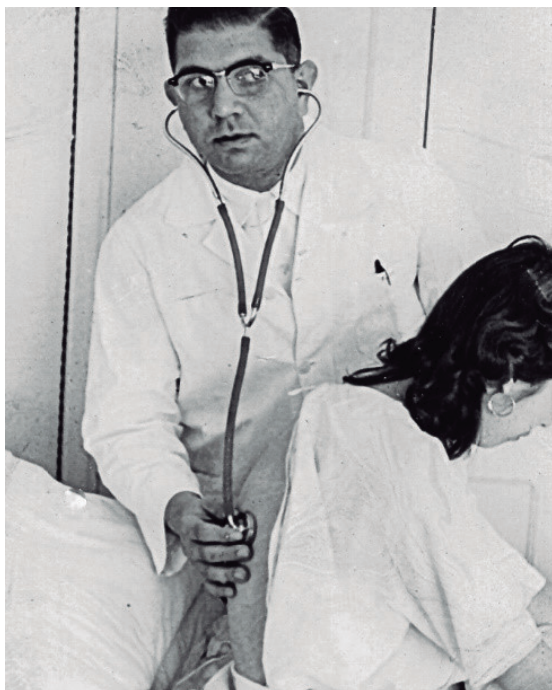


Gelson Kalil

Gelson Kalil

Rodolfo Pinto Machado de Araujo¹



Gelson Kalil
(1932–1996)

Ministrou aulas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo de 1958 até 1996. Foi chefe da Clínica Propedêutica Médica por 20 anos. Hoje, essa disciplina foi transformada nas Habilidades Clínicas.

Há pouco mais de 22 anos, morria o Dr. Gelson Kalil, exemplo de dedicação e amor ao ensino médico, o que lhe granjeou respeito e reconhecimento sinceros de gerações de estudantes e residentes da nossa Faculdade de Medicina de Sorocaba, espalhados por esse Brasil e até no exterior.

Permitam-me chamá-lo de GK, pois sempre lhe dispensei as tratativas “doutor” e “senhor”. Essa era a maneira como ficou conhecido na faculdade.

Convivemos por quase 26 anos, período em que desenvolvemos uma amizade sólida, respeitosa e fraterna, na acep-

ção das palavras. Sou testemunha de sua abnegação ao ensino da propedêutica médica. Ora severo demais, exigente dos mínimos pormenores, ora condescendente e compreensivo com os erros dos estudantes.

Era no convívio constante com os jovens — sempre entre eles — nas enfermarias, nas salas de aulas, nas repúblicas, nas festas da “estudantada”, que, principalmente nos últimos anos, buscava a energia, a força para continuar vivendo, apesar das adversidades que insidiosa doença crônica lhe causava.

¹Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde – Sorocaba (SP), Brasil.
Autor correspondente: Rodolfo Pinto Machado de Araújo – Rua Santana, 447 – CEP:18095-440 – Sorocaba (SP), Brasil – E-mail: rpmasp@gmail.com

Recebido em 20/02/2018. Aceito para publicação em 11/04/2018.

E o fez com tal esforço sobre-humano, com tal dignidade, que não havia aluno, colega ou funcionário que não sentisse sua determinação e garra. Sua aparente braveza — que não era braveza — ficou conhecida pelos alunos e residentes. Suas severas admoestações eram seguidas, minutos depois, pela frase “É para o seu bem...” e acabava esquecendo seu repente.

E, assim, foram-se anos e anos, amando sua família e dedicando-se a seus alunos, seus pacientes, sua escola, sua cidade e sua pátria. Sua perspicácia, intuição e análise das pessoas davam-se, talvez, não só pelo fato de ser um médico, mas também eram derivadas de sua ascendência. Quando dizia que uma pessoa era ou não era de boa índole, seria apenas uma questão de tempo para que se confirmasse. Posso dizer que, apesar de discordar em várias oportunidades, tive que reconhecer que acabou não errando nenhuma vez. Era só uma questão de tempo!

Tinha extremo orgulho da nossa faculdade. Superava todas as dificuldades materiais e pessoais com obstinação para dignificá-la. Não aceitava obstáculos ao seu desiderato de um ensino técnico pormenorizado, diligente e respeitoso com os pacientes. Fazia de sua casa uma “filial” da faculdade, o que envolvia também a sua família. Eram aulas e reuniões noturnas em seu escritório, festas com muita música brasileira saudosista, anfitrião constante do Professor José Ramos Júnior, bem como conversas e conselhos para alunos, colegas e amigos.

Muitas vezes, suas exigências com os alunos podiam até ser contestadas, mas sua dedicação e perfeccionismo com o ensino o levavam a aulas extras noturnas e aos sábados, no antigo Hospital dos Insanos ou no Hospital Leonor Mendes de Barros, onde hoje está a Faculdade de Tecnologia, em horários não previstos. Realizava revisões de artigos e assuntos médicos em sua casa.

Praticamente todos os que foram seus alunos, em especial os de suas turmas de aulas práticas, se beneficiaram do seu rigor que, se eventualmente exagerado, acabava na famosa frase: “É para o seu bem”.

Seria até folclórico lembrar suas crises de gota, quando usava sandálias para ir ao hospital. Os alunos já sabiam que o dia seria “bravo”. Eram horas seguidas dos mínimos detalhes propedêuticos, úteis ao extremo para todos que passaram por suas mãos. Bendita gota!

Ao longo dos últimos 12 anos, por força de minhas atividades em estruturas do Sistema Nacional Unimed, viajei por quase todo nosso belo e, infelizmente, desconhecido país. Interessante observação foi encontrar ex-alunos e ex-residentes da nossa faculdade em inúmeras cidades nas quais estive. Acontecia, então, a sessão “reminiscências sorocabanas”, a saudade dos tempos vividos em nossa faculdade, em nossa cidade. Invariavelmente, GK era lembrado e reconhecido como um dos grandes formadores do conhecimento clínico que haviam adquirido.

Há poucos dias, “navegando” na internet, deparei com uma extensa entrevista de um ex-aluno de nossa faculdade, ex-presidente do Centro Acadêmico “Vital Brasil”, hoje professor da Universidade Federal de São Paulo e chefe de Serviço do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. Esse colega, Marcelo Wajchenberg, faz referências ao Dr. Gelson e ao Professor Maffei, que enobrecem o ensino médico metuculoso, tecnicamente exigente e, sobretudo, humano em nossa escola.

Também lembrei-me de duas placas colocadas na parede do anfiteatro que leva seu nome, na biblioteca da faculdade, sendo que, de uma delas, tomo a liberdade de transcrever o último parágrafo: “Ele sempre será um exemplo de médico. Do médico que fez do método propedêutico o alicerce humano da Medicina e que imortalizou o valor soberano da Clínica”. Janaina Ghiraldi — 4º ano de Medicina, Outono de 1996.

Nossa cidade é pródiga em homenagens merecidas e outras nem tanto, triste é não lembrar de quem ajudou a fazer o bem por meio de um ensino médico decente.

Poderia me alongar contando histórias, casos e eventos que presenciei e vivenciei a seu lado, ao longo de 26 anos. Avançaria, porém, além do propósito desta escrita.

Termino dizendo que, apesar do tempo decorrido, sinto muita falta do professor e amigo.

Como citar este artigo:

Araújo RPM. Gelson Kalil. Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba. 2018;20(2):118-9. DOI: 10.23925/1984-4840.2018v20i2a14